

## ARTIGO

### O EXÍLIO DE PLÍNIO SALGADO EM PORTUGAL: A *VIDA DE JESUS* E A COMPOSIÇÃO DO APOSTOLADO POLÍTICO

### THE EXILE OF PLÍNIO SALGADO IN PORTUGAL: *VIDA DE JESUS* AND THE COMPOSITION OF THE POLITICAL APOSTOLATE

LEANDRO PEREIRA GONÇALVES\*

#### RESUMO

No ano de 1939, como consequência do golpe realizado em 1937 com a implantação do Estado Novo de Getúlio Vargas, o líder do movimento integralista brasileiro, Plínio Salgado, foi preso na Fortaleza de Santa Cruz e levado, posteriormente, para Portugal. A proposta da investigação está na análise do período em que o Chefe dos “camisas-verdes” ficou exilado (1939-1946), contribuindo assim para uma reorganização do pensamento doutrinário presente em seu discurso conservador radical.

**PALAVRAS-CHAVE:** Integralismo, Plínio Salgado, Brasil, Portugal.

#### ABSTRACT

In 1939, as a result of the coup carried out in 1937 with the establishment of the *Estado Novo* [New State] of Getúlio Vargas, the leader of the Brazilian "*integralista*" movement, Plínio Salgado was imprisoned in the Santa Cruz Fortress (Niterói), and later taken to Portugal. This research proposes an analysis of the period in which the Leader of the "green-shirts" was exiled (1936-1946), thus contributing to a reorganization of the doctrinal thinking found in his radical conservative discourse.

**KEYWORDS:** Integralism, Plínio Salgado, Brazil, Portugal.

Ao falar do integralismo brasileiro, pensa-se, inicialmente, em relações de práticas autoritárias e ditatoriais com atrelamentos fascistas, no entanto é possível identificar diversas outras questões nesse movimento, que pode ser considerado um dos grandes objetos de estudos da política do século XX, principalmente pelo forte crescimento nos anos de 1930, através da Ação Integralista Brasileira (AIB). A continuidade da militância em um momento em que tais práticas não eram comuns após a Segunda Guerra Mundial com o Partido de Representação Popular (PRP) é algo que merece atenção, pois teve a capacidade de sobreviver na política por duas décadas. A continuidade da política integralista, no período do pós-guerra, encontra explicações em uma mudança doutrinária estabelecida pelo líder do movimento, Plínio Salgado, no período de 1939 a 1946, momento que ficou exilado em Portugal. Com a dissolução do PRP, pensou-se que determinadas fontes políticas seriam extintas, mas a presença de um governo ditatorial no Brasil e a manutenção dos componentes nacionalistas de cunho autoritário permaneceram, influenciando, assim, o surgimento dos denominados neointegralistas, que vêm provar ao cidadão do século XXI que ideias reacionárias e a semente da intolerância ainda estão presentes no nosso meio.

A AIB atuou oficialmente até 1937, com o decreto do Estado Novo getulista, promovendo transformações significativas no discurso e na vida de Plínio. Como consequência das alterações políticas no Brasil, o pensamento e a prática de cunho

revolucionário espiritualista foi sobreposto pelo discurso da legalidade, ou seja, houve uma transformação da AIB em partido político, visando às frustradas eleições presidenciais de 1938. Após uma série de articulações políticas e, principalmente, após o ataque no Palácio da Guanabara, o líder dos integralistas foi preso em 1939, na Fortaleza de Santa Cruz, e levado, posteriormente, para Portugal, dando início a uma nova e, até então, desconhecida fase de sua vida.

Em torno de tais questões, a investigação divide o exílio em dois momentos: o primeiro tem início em 1939, com a chegada em Lisboa, quando ações políticas foram promovidas de forma não explícita, um período de ordem clandestina com busca de associação com a Alemanha hitlerista, momento de investigações da Polícia de Vigilância e Defesa do Estado (PVDE) e Legião Portuguesa em relação ao exilado.<sup>1</sup> Vê-se esse momento até o ano de 1943, ocasião do lançamento do livro *Vida de Jesus*, em que coloca-se, portanto, a obra como elemento de baliza para a identificação de Plínio Salgado no exílio. O segundo momento ocorre até o retorno ao Brasil, em 1946.

Com a conclusão da obra de maior repercussão de sua trajetória, *Vida de Jesus*, Plínio passou a ter uma presença significativa em Portugal no que tange ao aspecto religioso. Assim, desconstrói-se uma imagem até então sustentada na historiografia, de que Plínio não teve uma vida política antes de 1943, sendo que,

na sua chegada, em 07 de julho de 1939, no cais de Alcântara, em Lisboa, articulações e uma habilidade já podiam ser notadas.

Portugal, em 1939, teoricamente era um ambiente propício para Plínio Salgado, uma vez que a representatividade direitista poderia ser notada no governo, mas nem todos os grupos estavam em consonância com o regime. Com inúmeras conferências<sup>2</sup> e publicações, teve uma grande atuação na imprensa em todo o país, transformando suas ações em ferramenta para uma nova concepção política após o exílio, que coincide com o fim da Segunda Grande Guerra Mundial e a consequente destruição dos regimes fascistas.

Em Portugal, buscou uma nova forma de desenvolver o discurso integralista, era o tempo da “renovação” política. No contexto da Segunda Guerra Mundial, era necessária uma forma de sobrevivência na sociedade política portuguesa e brasileira. Passava a ser caracterizado como um teólogo, responsável por promover reflexões de ordem cristã. Vê-se que o contexto político de Portugal foi um elemento no âmbito de um novo discurso para sua sobrevivência. Importância significativa tiveram as conferências e publicações divulgadas no exílio, com o objetivo claro de expressar a imagem religiosa e propagadora da paz, quando, no entanto, o teor político estava ainda mais vivo. O objetivo não era reconstruir os seus passos, mas verificar – através da imprensa, de depoimentos, de correspondências, dos discursos e das obras – a vida intelectual do autor, objetivando evidenciar como ações

públicas contribuíram para os direcionamentos no decorrer da guerra.

Os simpatizantes do integralismo, antigos ou novos militantes, ao mencionarem o período do exílio, utilizam com frequência termos como apóstolo, profeta e evangelista, para o caracterizarem. A antiga integralista Augusta Garcia Rocha Dorea faz uma análise militante do período em Portugal, na obra *Plínio Salgado, um apóstolo brasileiro em terras de Portugal e Espanha*. No prefácio assinado em 1999, pelo Padre Luiz Gonzaga do Carmo, há a seguinte afirmação: “Quem é preso por defender Deus, a Pátria e a Família, sendo fiel à Doutrina Social Católica, indubitavelmente merece ser chamado de apóstolo!”<sup>3</sup> Completa ainda ao referenciar a obra da ex-militante: “O presente livro mostra Plínio Salgado, como se profeta fosse. São Paulo diz: ‘Quem profetiza fala aos homens para edificá-los, exortá-los e consolá-los’ (1 Cor 14,3). Foi o que fez a sua vida inteira”.<sup>4</sup>

A sua associação com elementos da religiosidade passou a ser mais evidente em 1942 com o lançamento do livro *Vida de Jesus*, momento que coincidiu com a “crise” ocorrida em torno do planejamento secreto com os nazistas. Dessa forma, essa imagem religiosa veio a calhar no momento, principalmente por ter em Portugal um terreno fértil para a prática conservadora e religiosa.

Plínio Salgado passou a ser definido em Portugal como apóstolo, o quinto evangelista, uma concepção já preexistente, como afirmou a militante Augusta Garcia Rocha Dorea: “o

apostolado religioso de Plínio se expandiu mais intensamente, podemos assim dizer, em terras de Portugal, quando lá viveu os sete anos de exílio, sendo considerado, pelos lusitanos, o quinto evangelista”.<sup>5</sup> Completa ainda que ele passou a representar o “novo evangelho em novos meridianos [...] o evangelho do amor, aquele mesmo, do Novo Testamento, pregado pelos quatro evangelistas: Mateus, Marcos, Lucas e João...”.<sup>6</sup>

Um forte exemplo da imagem desenvolvida em Portugal pode ser observado no poema *Vox Dei*, redigido por Alberto de Monsaraz, em 1946, e declamado na ocasião da despedida do exílio, texto que o caracteriza como o doutrinador católico, um condutor dos povos, romeiro enamorado de Cristo, cavaleiro do Verbo, um iluminado, portador da Verdade, que iria propagar a palavra de Cristo, no reino do Espírito Santo, dando seqüência aos atos dos quatro evangelistas:

VOX DEI  
(a um quinto evangelista)

Pelo Conde de Monsaraz

Como é, Senhor, volvidos dois mil anos,  
Que se ergue, assim, num século infernal,  
Pregando o Amor e o Bem pelo ódio ao Mal,  
Novo evangelho em novos meridianos?

Um homem, Plínio, nome de romanos,  
Com raízes na selva equatorial,  
Trouxe-o agora, em pacífico sinal,  
Aos homens destes tempos desumanos.

Jesus chamou-o, como a João e a Pedro,

E disse-lhe: - Onde em espírito não medro,  
Vai, semeia a magnífica semente...

És meu discípulo hoje, nesta hora  
Em que só não me ama é que não chora  
“Faze que chore e que ame toda a gente!”<sup>7</sup>

As homenagens políticas, culturais e religiosas recebidas por ele foram as mais diversas, como o poeta católico conservador João Ameal, que afirmou ser Plínio um gênio lusíada, destacando:

Ao mundo lusíada – isto é: ao mundo dos seguidores de Cristo. Uma vez ainda Plínio aponta Cristo como Protagonista da História. Da História de Portugal, como da História do Brasil. E nunca perde de vista, acima da nossa valiosa intervenção nas largas extensões de além-Atlântico – a Divina Razão que a comandou.<sup>8</sup>

O pensamento político-religioso do exílio e as relações estabelecidas em Portugal, no nível do discurso cristão, foram fundamentais para a cristalização de uma “nova” doutrinação, embasada principalmente no efeito do cristianismo e assim mascarando a doutrina integralista e a tônica fascista. Como afirmado, ao mesmo tempo em que negociava e articulava um rápido retorno ao Brasil, sistematizava possibilidades de alianças com a Alemanha hitlerista no percurso da Segunda Guerra Mundial, mas foi a imagem religiosa que prevaleceu, caminho mais seguro, segundo a articulação pliniana. Vê-se que utilizou uma estratégia de afastamento indireto da política, no nível oficial e

público, pois se sabe que clandestinamente não era essa a ação central. Através do pensamento religioso (com conotações diretamente políticas), criou um processo de aparições e divulgações políticas em Portugal com o objetivo de tornar-se um apóstolo do século XX. Tal estratégia alcançou níveis de grande repercussão em Portugal.

Constantemente, escritores e intelectuais portugueses escreviam textos e lhe promoviam homenagens, representando um resultado positivo do planejamento preestabelecido pelo exilado. No primeiro dia do ano de 1946, no jornal católico *Novidades*, o escritor e sacerdote Joaquim Augusto Álvares de Almeida, conhecido pelo pseudônimo de Nuno de Montemor, dedicou-lhe um texto, indicado como *salmo*, intitulado: *É tempo, minha mãe!*<sup>p</sup>, exemplificando as boas relações entre ele e o clero intelectualizado de Portugal. O conservador João Ameal expressou que “Plínio Salgado interessa-me e comove-me por ser artista – dos maiores; e, também, por não ser apenas artista. Quando escreve ou quando fala, domina-o invariavelmente a consciência de cumprir alguma missão. Fala ou escreve para dar testemunho”.<sup>10</sup>

As suas relações e as exaltações eram diversas, não estando restrito a algum grupo específico, sendo essa a grande expressão controladora criada pelo autor na sociedade portuguesa; pois, como não se solidarizou com um grupo específico, pôde flutuar entre os mais diversos segmentos do conservadorismo radical. Em

1946, o *Diário do Alentejo*, em publicação de 29 de abril, lançou algumas reflexões sobre a sua presença em Portugal:

Quando há anos, Plínio Salgado chegou à famosa “ocidental praia lusitana” de seus preclaros avós, não passaria, certamente, de um nome apenas familiar a uns tantos melhor informados acerca da vida pública no Brasil. Hoje, porém, a nomeada do distinto escritor estende-se do norte a sul do País, como se de personalidade portuguesa se tratasse, nada e criada em Portugal. [...] Acompanhado de sua esposa, culta senhora altamente dotada de espírito estudioso e investigador, não houve local histórico, monumento ou museu que não tivesse venerado, cheio de interesse e verdadeira ânsia de conhecer. Desde os luxuriantes vales do Minho até às doiradas praias algarvias, qual a terra portuguesa que Plínio Salgado não haja visto, não tenha auscultado e recolhido em seu afeto? [...] Para se amar uma terra forçoso é conhecê-la. Plínio Salgado conhece imensamente Portugal, por isso imensamente o ama.<sup>11</sup>

A repercussão referente à presença dele em Portugal era constante. Após o lançamento de *Vida de Jesus*, o líder político brasileiro foi transformado em uma espécie de grande profeta da religiosidade luso-brasileira, conseguindo assim espaço para aparições constantes na imprensa nacional. Na mesma matéria do *Diário do Alentejo*, em que foi aclamado e exaltado como poucos eram no país, mais uma homenagem foi prestada. Informa-se que, em 1944, o Arquivo de Beja no boletim municipal “honrou e valorizou suas primeiras páginas”<sup>12</sup> com o texto *Dois impressões de Beja*<sup>13</sup>, em que a região do Baixo Alentejo foi aclamada pelo escritor brasileiro. Começou a desenvolver imagens de exaltação do país e, dessa forma, alargou o número de nacionalistas ao seu lado.

O jornal direitista conservador *Ação: seminário da vida portuguesa*, em torno do projeto de descaracterizá-lo unicamente como um político, definiu o autor de *Vida de Jesus* da seguinte forma:

Plínio Salgado, para alguns será, talvez, a legenda política de uma hora que teve uma justificação e uma oportunidade, que ainda porventura manterá uma grandeza de revolução e uma grande claridade mística, arrebatadora de multidões, fecundadora de mitos. Para outros – e nesse caso, particularmente, quase todos os seus compatriotas e todos os seus amigos, todos os seus fiéis, todos quantos o seguem e o escutam, se lhe dedicam e se lhe entregam – ele será, mais do que um chefe político, até mais do que um pensador com uma obra e uma doutrina, a expressão viva de uma esperança e de uma fé, a dolorida encarnação de um messianismo, altíssima figura moral com qualquer coisa de dramático e de profético, homem sonhador de grandes sonhos, cavaleiro andante de um espiritualismo que é reação contra o predomínio do progresso exclusivamente material – e é garantia de liberdade para as gerações que se avizinham como para as que hão de nascer.<sup>14</sup>

O messianismo espiritualista que era evidente nos tempos da AIB foi intensificado no período em Portugal, momento de busca e ambições políticas. Em janeiro de 1945, quando estava hospedado no Hotel Astória, em Coimbra, para uma de suas diversas conferências, recebeu a visita de um grupo de jornalistas, entre eles Manuel Homem Ferreira do *Correio do Minho*. Desse encontro, foi publicado um texto intitulado *2 horas com Plínio Salgado*<sup>15</sup>, que destaca o autor e o tom “místico” em torno da palavra do integralista. Uma versão contínua e persistente em Portugal na altura do exílio:

Ligeiros momentos de espera e eis que surge Plínio Salgado. Uma figura pequena e nervosa. A cara ossuda, em vértice, onde os olhos saltam como foguetões, denunciam o intelectual. Testa rasgada donde o cabelo foge, receoso de perturbar a serenidade do pensamento. Sobre o lábio superior a mancha de nanquim do bigode. Plínio Salgado percorreu-nos com um golpe de vista. Um sorriso largo, envolvente, faiscou-lhe nos dentes. A conversa nasceu logo. [...] Quando falava dobrava-se, contraía-se, tinha movimentos felinos com o labareda a crepitar. A sua vida política agitava se, varrida por aventuras, na emoção quente das suas palavras. Os momentos dramáticos alternavam com os casos risinhos. [...] A sua conferência, à noite, deu-me a impressão duma chicotada nas águas paradas do meio universitário. Empolgou. [...] Não há dúvidas de que o Brasil vive um período de oratória. Com papel ou sem ele os brasileiros submetem auditórios e fazem-nos ranger de emoção. Plínio Salgado mostrou-nos mais uma vez, a justiça deste comentário. E... ouviu uma aclamação monstruosa. A assistência – mesmo os refratários as ideias! – tinha comungado com o escritor, tinha-se identificado com o místico. Plínio Salgado é isto mesmo – um místico, mas um místico de ação.<sup>16</sup>

A sua ação em Portugal decorreu no sentido de formar e propagar um ideal. Uma ideia necessária para a manutenção do seu nome do cenário político brasileiro (e lusitano). Em 1944, o jornal conservador *A voz*, em artigo de Armando de Castro e Abreu, denomina-o como *Um mensageiro da paz*.<sup>17</sup> Justamente essa a imagem que buscou criar no exílio após o lançamento da *Vida de Jesus*. O artigo afirma:

Quando em Roma, tomei conhecimento de Plínio Salgado através das suas vigorosas obras, julguei-o um homem forte, de semblante carrancudo, um Hércules, capaz de arrasar o mundo com a sua força física. [...] Plínio Salgado é o autor duma surpreendente revolução espiritual no Brasil. [...] Como cavaleiro da Idade Média impulsionado por um ideal de beleza velando por que a donzela dos seus sonhos – a sua Pátria – não soçobrasse no temporal materialista, Plínio Salgado lançou-se na luta contra o

estado calamitoso em que via submerso o seu país. Com visão profética, este grande político aguarda confiadamente o despertar do dia de amanhã o alvorecer duma nova era, a que ele dá o nome de Quarta Humanidade. [...] Que o sublime livro do dr. Plínio Salgado, honra das letras luso-brasileiras e da cultura do gênio da nossa Raça, não falte em nenhuma biblioteca de Portugal e que sobretudo a nossa juventude não o deixe de ler, são os nossos sinceros votos.<sup>18</sup>

A análise de Armando de Castro e Abreu, ex-embaixador de Portugal no Chile e conservador político de prestígio no país, demonstra que os aspectos políticos do líder integralista ainda estavam presentes ao levantar a busca da Quarta Humanidade, que era justamente o cerne do Estado Integral, conceito apurado na década de 1930, momento auge do integralismo brasileiro. Por mais que desenvolvesse um discurso religioso e que o aspecto político transcorresse de uma forma linear evolutiva, não apresentou, em nenhum momento, negação ou até mesmo arrependimento pelo passado em torno do discurso fascista (apesar de negar ser fascista). Inclusive a base de sua oratória era de um injustiçado pela política brasileira, por isso a necessidade do exílio.

Da mesma forma, foi o comportamento em Portugal, pois o discurso que, para ele era exclusivamente religioso, representou nada mais do que uma organização política no período em torno da Segunda Grande Guerra Mundial, coincidente com seu exílio. A ambiguidade foi uma marca do seu pensamento, constantemente mudava a prioridade do discurso de acordo com o momento vivido, e em Portugal do exílio, o objetivo era o cristianismo (com uma dose sub-reptícia em torno da política).

Esse discurso religioso e de oratória cristã chamava a atenção da sociedade portuguesa, que vivia um momento de autoritarismo político em torno da figura de António de Oliveira Salazar, espaço necessário e fértil para os seus dogmas cristãos e sua eloquente oratória.<sup>19</sup> O poeta jesuíta João Maia afirmou que:

Pode dizer-se que a atividade de orador que Plínio Salgado desdobrou em Portugal, nesse anos quarenta, foi de uma eficácia única pelo desassombro, pela preparação esmerada, pelo aturado estudo. Ia-se ouvir um homem que dizia coisas essenciais; e até os meros literatos, palhosos e sem ideias, se rendiam porque o verbo do orador queimava como vitríolo e a poesia andava com ele. Figura impressionante de quem podemos dizer que passou fazendo o bem. Bem perdurável. Depois da sua retirada para o Brasil seu nome era murmurado com respeito, sua lembrança guardada com amor.<sup>20</sup>

No artigo citado, Armando de Castro e Abreu ressaltou a necessidade de os livros do autor estar nas bibliotecas de Portugal. Publicar livros era uma preocupação e prioridade para ele, pois além de receber os direitos autorais – o dinheiro do autor em Portugal em alguns momentos era restrito, utilizava constantemente uma retórica vitimista para sensibilizar e obter mais recursos, como afirmado no capítulo anterior – representava uma possibilidade de propagar ainda mais seus anseios e ainda transportá-los ao Brasil e, assim, possibilitar a arregimentação dos militantes, ainda que a distância. Dessa forma, constantemente, notícias referentes à publicação das suas conferências eram veiculadas nos jornais. “Plínio Salgado: As conferências ultimamente pronunciadas entre nós pelo eminente escritor

brasileiro Plínio Salgado – o consagradíssimo autor da *Vida de Jesus* – vão sair em volume publicadas por uma nova organização editorial: – a Ultramarina Editora<sup>21</sup>, dizia o *Diário da Manhã* em 1944.

Enquanto até o início da década de 1940 era rotulado como o líder da Ação Integralista Brasileira, no exílio, passou a ser nomeado como o autor da *Vida de Jesus*, representando a importância da obra no sentido político e cultural. Foi através do livro que diversos grupos conservadores portugueses injetaram palavras positivas sobre o líder integralista, realizando uma representação do objetivo almejado e alcançado por ele, ou seja, arregimentar o maior número de letrados em torno da sua palavra e imagem. O escritor luso-brasileiro Rui Pereira Alvim, em 1986, ao relembrar a passagem de Plínio Salgado em Portugal, destacou:

A palavra de Plínio Salgado, na cidade de Braga, foi o encontro de uma geração – a minha – mergulhada na confusão e na incerteza, incapaz de definir a época que começava a viver, com a anunciação de uma no Era humana, a qual, segundo o grande mestre, apresentava uma notável semelhança com o período longo e crepuscular da formação dos primeiros núcleos sociais.<sup>22</sup>

Em torno de um clima de guerra e incertezas, sabiamente e de forma estratégica, utilizou um discurso amplamente religioso, com mensagens de esperança em torno da necessidade da paz. Mas uma paz política em torno de um ideal: o integralista. Dessa vez, porém, sem a nitidez fascista, uma vez que grande parte da oficialidade do discurso era contra os já combatidos, liberalismo e

comunismo, e que, agora, contava com a luta e combate contra o fascismo. Não deixou de ser fascista, mas o discurso defendido publicamente não poderia mais ser. Mais uma vez vê-se uma adaptação em torno da necessidade e ocasião. É possível verificar que alcançou certa imagem no interior da sociedade, pois, ao buscar palavras de Rui Pereira Alvim, verificam-se tais concepções:

Parte da geração portuguesa do *post-guerra* foi alertada, na leitura da obra de Plínio Salgado, para o dilema que segundo o autor da *Aliança do sim e do não*, nos era colocado: nas circunstâncias em que se debatia e debate o mundo, na confusão caótica do embate das ideologias e dos sentimentos, só poderia prever-se que a ordem ou se viria a fixar na vitória do que Moscovo corporiza, ou no domínio do que corporiza Roma.<sup>23</sup>

Possuía uma destreza política particular. Defendia o fascismo, mas os seguidores enxergavam o contrário; buscava apoio e acordos com Getúlio Vargas, e os militantes o identificam como o único que conseguiu realmente combater o Estado Novo. É possível verificar como alcançou uma aceitação tão significativa na sociedade luso-brasileira, pois, ao mesmo tempo em que era combatido, criava mecanismos para sobrepor-se e vigorar-se com o poder do intelecto e das aparições. O mesmo Rui Pereira Alvim afirmou: “Não tem o integralismo brasileiro nem os integralistas de que se envergonhar. Em nossa perspectiva, eles desempenharam um papel histórico na luta contra a penetração comunista no Brasil e contra o regime totalitário de Vargas”.<sup>24</sup>

Percebe-se que, com o exílio em Portugal, buscou a criação e o controle de uma estrutura sólida em torno do seu nome e da sua palavra, por isso evitava aparecer publicamente – a não ser nas conferências e nos eventos relacionados – e posicionar-se politicamente, a fim de evitar qualquer tipo de publicidade em torno do seu nome. Como foi identificado, clandestinamente, não era esse o comportamento central do líder integralista.

A quantidade de correspondências e depoimentos em torno do único objetivo de parabenizá-lo pelas obras, conferências e até mesmo pelo seu pensamento é de uma grande quantidade, sendo que parte da documentação gira em torno da intelectualidade lusitana, como o poeta João Correia de Oliveira:

Altíssimo escritor e grande amigo: Bem haja! Pelo transporte que trouxe à minha alma com a leitura de sua formosíssima e salutar conferência. Ainda bem que é portuguesa, – bem nossa pelo timbre e pela comoção, – a Voz que assim sabe erguer-se no Deserto de almas, que é esta hora de suprema aridez, para nos falar de Deus e nos chamar as inteligências e os corações tresmalhados aos suavíssimos refúgios da meditação e da prece. Ainda bem que é Portuguesa, e que é deste pequenino Portugal que essa Voz se alevanta. Nela se sublima a Língua-amada de Frei Agostinho da Cruz e de Vieira, e mais uma vez se revela, eloquentemente, em seus acentos, a predestinação missionária do nosso destino. Difícil exigir à Palavra maior poder em exprimir os arroubos dum Poeta e os pensamentos profundos dum Pensador, como és que, numa fusão perfeita, inspiram e comandam a sua nobilíssima Arte, Senhor Plínio Salgado.<sup>25</sup>

As primeiras décadas do século XX em Portugal foram marcadas por grandes transformações e agitações políticas, o que proporcionou o surgimento de uma explícita camada

intelectualizada em determinados segmentos, encontrando, no núcleo conservador, grandes expoentes. A formação do Estado Novo e a conseqüente censura fizeram com que a massa social enxergasse, em elementos conservadores, a prática correta a ser seguida e, no discurso religioso propagado pelo governo, o elemento de defesa. Plínio desembarcou em Portugal nesse ambiente, portanto não haveria outra reação a não ser a elevação de seu nome, apesar do discurso fascista embutido em diversos elementos das suas doutrinações.

Morreu em 1975, ou seja, após o evento que marca o fim do Estado Novo português: a Revolução dos Cravos, em 25 de abril de 1974. O conservador crítico literário João Bigotte Chorão, após ressaltar a sua importância, não só no período do exílio, mas com ações posteriores, lembrou em depoimento de 1976 a morte do líder integralista: “Soube da morte de Plínio Salgado quase por acaso, tão silenciada ela foi na imprensa portuguesa”.<sup>26</sup> O silêncio não era o mesmo antes do 25 de abril, pelo contrário, havia excessos de palavras a favor dele, mas, com a alteração política, os valores e preceitos oficiais foram modificados. Percebe-se, assim, a importância do regime estado-novista português para a criação de um ambiente de fertilidade pliniana.

As manifestações em relação a ele eram múltiplas, e o valor nacionalista, o ponto de defesa. O professor Fernando Aguiar diz que: “conhecemo-nos em Lisboa, quando fixou residência para o seu exílio político [...] costumava dizer-se e sentir-se sempre e

apenas como brasílico-luso”.<sup>27</sup> O filósofo espanhol Francisco Elias de Tejada Y Spinola afirmou que “foi no fecundo exílio lisboeta que Plínio Salgado completou e aperfeiçoou a sua visão do Brasil pátrio”.<sup>28</sup> Henrique Barrilaro Ruas, ao refletir sobre o escritor, afirmou:

O Plínio Salgado que eu conheci, há trinta e três anos, numa Coimbra que ninguém mais pode encontrar, era sobretudo um doutrinador católico, o elitista esplêndido, o orador incomparável. A obra-prima do seu gênio literário, a *Vida de Jesus*, era demasiado rica em espírito e verdade e demasiado opulenta de estilo, para poder ser olhada, sem deliberação, de um ponto de vista científico. O Plínio Salgado que a História há-de lembrar para sempre será o fundador desse movimento de ideias, semeador de verdade e defensor da humildade dos homens, a que chamou Integralismo Brasileiro. Em Lisboa, num meio em que o Integralismo Lusitano se mantinha vivo (da minha geração, eram-lhe aí mais que todos fiéis o Gastão da Cunha Ferreira e Nuno Vaz Pinto), Plínio tomou parte em alguns atos de significado político, quando Hipólito Raposo congregava à sua volta os últimos e os primeiros do Integralismo de sempre.<sup>29</sup>

Barrilaro Ruas, um dos intelectuais conservadores portugueses da segunda metade do século XX, ressaltou, no texto de 1977, um aspecto de fundamental importância: a relação dos integralistas lusitanos com Plínio Salgado. Como destacado em capítulos anteriores, a relação entre os membros dos integralismos não foi restrita somente ao campo político, mas também pessoal. Na altura do exílio, o grupo que mais o apoiou foi o dos integralistas de Portugal, que o acolheram e compuseram uma expressão de intensidade político-religiosa. Vale ressaltar ser o grupo de Plínio, em Portugal, diverso, sendo os integralistas apenas

uma camada de importância, mas não única na propagação das ideias plinianas.

Vale estabelecer uma vital observação em relação aos depoimentos e discursos realizados até o momento a seu favor. Praticamente não havia oposição ao líder integralista, mas isso não é sinônimo de consenso, e sim de censura. Todos os jornais oficiais<sup>30</sup> de Portugal eram obrigados a estampar em locais com grande visibilidade a nota: “*Este número foi visado pela comissão de censura*”. Oposições minoritárias existiam de forma explícita em torno da sua presença, em Portugal, no entanto em periódicos clandestinos, como em *Lanterna*. Existiam proximidades políticas e doutrinárias entre o líder integralista e o governo português, dessa forma, ser contra os seus ideais era ser contra o regime do Estado Novo de Salazar, por isso o destaque feito em relação à possibilidade natural de avanços políticos em torno do preceito cristão.

Havia um favorecimento natural para ele em terras lusitanas, o que possibilitou um discurso homogêneo, como visto até o momento. Na totalidade dos depoimentos, somente palavras de alegria, respeito e admiração em torno dele, enquanto o processo de oposição era abafado pelas forças do regime salazarista. Esse clima favorável e as boas relações estabelecidas fizeram com que, em pouco tempo, saísse do ostracismo e alcançasse um patamar de importância na classe letrada lusitana. Caminho esse já feito na década de 1920, quando saiu do

desconhecimento para ser um intelectual das forças políticas nas agitações culturais de São Paulo em torno do modernismo.

O líder dos integralistas conseguiu criar certa notoriedade, a ponto de despertar a atenção e o comentário do professor Karl Vossler, em 1944. O destacado linguista alemão, em entrevista para o *Diário de Lisboa*<sup>31</sup>, cujo tema central foi “a posição do pensamento peninsular perante a cultura europeia”<sup>32</sup>, traçou algumas críticas literárias e, ao buscar no Brasil um exemplo literato da língua portuguesa, afirma à matéria jornalística: “Plínio Salgado merece ao ilustre filólogo calorosos encômios, classificando-o de ‘bom observador’”.<sup>33</sup> No mesmo mês de 1944, em torno das discussões relativas ao acordo ortográfico luso-brasileiro, o nome do autor mais uma vez foi colocado em pauta, dessa vez na Assembleia Nacional, em discurso proferido pelo deputado José Manuel da Costa, que, ao levantar a importância da unidade em torno da língua portuguesa, exemplificou que “na beatitude do ambiente português, e no ‘rude e doloroso idioma, última flor do lácio’, que Plínio Salgado escreveu a sua extraordinária obra *Vida de Jesus*”.<sup>34</sup>

Era constantemente citado ou referenciado, elemento que representa o sucesso alcançado no exílio, principalmente com auxílio das velhas solidariedades, como o integralista lusitano Pequito Rebelo. Este, em artigo para o jornal *Novidades*, em 1944, sobre *O aspecto espiritual da Aliança Inglesa*, fez questão de referenciar o autor como um leigo com grande conhecimento da palavra

bíblica, sendo *Vida de Jesus* a expressão do Messias.<sup>35</sup> Visão constante em relação ao conhecimento do autor. No jornal *Correio de Coimbra*, Santos Rocha, sobre a obra, afirmou: “O homem que o escreveu está magnificamente familiarizado com os textos inspirados do Antigo Testamento e do Novo, prenda rara entre leigos mestres das letras”.<sup>36</sup> Destaca-se que muitas das “oportunidades” de aparecimento público foram buscadas de forma visível pelo próprio autor. Portugal recebeu, em 1946, a visita do Cardeal-Arcebispo de Nova Iorque Francisco Spellman. O jornal *Novidades* divulgou que: “quando soube que estava em Lisboa [...] quis Plínio Salgado encontrar-se com Sua Eminência [...] a quem ofereceu anteaquem um exemplar da última edição da *Vida de Jesus*”.<sup>37</sup> Observa-se que, mais uma vez, Portugal obteve um papel fundamental no pensamento político de Plínio Salgado.

Como afirmado, a oposição pública à presença do “quinto evangelista”, em Portugal, era praticamente inexistente. A imagem quinta-colonista era sobreposta pela profética, mas o mesmo não pode ser dito em relação ao Brasil. Enquanto em terras lusitanas os dogmas plinianos não representavam perigo algum ao poder salazarista, no Brasil, o getulismo, através das forças de opressão, impedia manifestações públicas em torno do exílio ou palavras de apoio a ele e muito menos ao integralismo. No entanto, a imprensa brasileira, ao contrário da portuguesa, divulgava uma série de reportagens e artigos contrários ao integralismo e, principalmente,

ao “quinta-colunista” Plínio Salgado, associando oficialmente o integralismo ao fascismo de Mussolini e ao nazismo hitlerista.

Não por acaso, um grupo de integralistas lançou, no jornal *Diário de Notícias*, uma *Carta aberta à nação brasileira*, com o título: *A extinta Ação Integralista Brasileira no tribunal da opinião pública*. Um grupo de intelectuais e líderes do antigo movimento assinou um manifesto contrário às chamadas “difamações” que eram vinculadas na imprensa brasileira. Tal documento tinha um propósito claro: preparar um retorno do movimento, principalmente após a ascensão obtida por ele no exílio. No entanto, para isso, era necessário “limpar” a imagem do movimento integralista e as acusações em torno de ações junto ao eixo. Para tal feito, diziam não haver provas, mas sabe-se que o processo de ligação entre os integralistas e os grupos do eixo, como já analisado, constitui evidências plausíveis. Acima de tudo, a imagem fascista que já estava sendo sobreposta por Plínio Salgado por um cristianismo radical deveria chegar ao Brasil.

Em 1943, estava no início da nova fase em Portugal: o período religioso e apostólico. Vê-se essa repercussão como isolada no processo de exílio, uma vez que a imagem de um religioso era o objetivo, principalmente após o lançamento de *Vida de Jesus*, que ocorreu justamente no ano de 1943, apesar das inúmeras críticas no Brasil, que rotulava-o como um oportunista por usar a palavra de Deus para exaltar a retórica fascista-integralista.<sup>38</sup>

Existiam dois ambientes. Em Portugal, um espaço adequado e favorável às ideias do quinto evangelista, com aceitações e apoio à doutrinação; no Brasil, a associação fascista e quinta-colunista impedia qualquer tipo de retomada de poder público por parte de determinados segmentos políticos no nível democrático pós-Estado Novo. Existiam diversos grupos de apoio e até mesmo seguidores, mas nada semelhante ao que ocorreu na década de 1930. Fato é que retornou ao Brasil em 1946, com uma “nova” concepção política, com ideias que foram criadas, discutidas e refletidas com base nos anos de exílio em Portugal. Isso mostra a necessidade absoluta em compreender quais são os preceitos políticos de Plínio Salgado em Portugal e como ocorreu essa aparição no cenário lusitano.

Verifica-se que seu objetivo foi alcançado, pois, a partir de 1943, as notícias vinculadas nos jornais e demais periódicos portugueses são de grande quantidade, ao contrário do primeiro momento, a partir de 1939, quando a presença em solo português tinha uma aparição pública extremamente limitada.<sup>39</sup>

A produção bibliográfica em Portugal foi intensa, assim como a repercussão da presença do líder integralista em terras lusitanas. As relações políticas afastaram-se, e Plínio Salgado, estrategicamente, dizia não ter tais preocupações, afirmando estar em um período de recluso espiritual, por isso a produção e a reflexão em torno do pensamento cristão. Nada mais foi do que uma tática de afastamento público das questões políticas do

período de guerra, além do fato de estar exilado e não ter condições de se expressar de forma tão aberta, por temer qualquer tipo de ação contrária a suas palavras.

Com atuação religiosa, Portugal foi o local para a transição explicitada em um direcionamento que não apresentava grandes novidades, mas, sim, evolução de um pensamento já existente. Passou a usar, com maior ênfase, o discurso e a aceitação religiosa para divulgar seus pensamentos e suas ideias e não sair da mídia e do meio político e cultural português. Mais uma vez, soube utilizar-se do círculo de amizade para se favorecer. O líder dos integralistas brasileiros possuía uma relação amistosa com os mais diversos meios, inclusive grupos que apresentavam certa rivalidade política, como os monarquistas e republicanos. Membros do governo Salazar e opositores abriram-lhe espaço para desenvolver seus ideais. Com isso, vê-se que sua presença não foi apagada, tímida ou insignificante. Percebe-se um político nato com relações ambiciosas e que enxergava no discurso religioso uma unidade que poderia unir em torno da sua imagem, inclusive os opositores.

Suas palavras e ações eram exaltadas como pouco se via em Portugal. Frequentemente, era convidado para banquetes, festas, eventos, conferências, o que propagava certa notoriedade na sociedade portuguesa. A rede relacional criada por ele foi suficiente para alcançar o objetivo, a notoriedade. Uma aparição pública de um estrangeiro, aparentemente, não é algo tão simples, e Salgado

não teve essa facilidade inicial. Nem mesmo o lançamento de *Vida de Jesus* foi capaz de criar essa publicidade em torno do autor, pois foi preciso alguém ao seu lado para promover uma espécie de abertura intelectual em Portugal. Vê-se que o grande responsável foi o então redator-chefe do jornal *Novidades*, Monsenhor Francisco Moreira das Neves, que, assim como Salgado, era um poeta e intelectual de destaque em Portugal.

Os dois passaram a ser grandes amigos a partir de 1943, uma relação que ultrapassou o exílio, passando a existir uma amizade próxima entre os dois. Uma relação que não caminhava apenas no nível religioso, mas, sim, político, pois verifica-se que o Padre Moreira das Neves, através do jornal, assumia diversas posições a favor do regime estado-novista, uma vez que a Igreja Católica, através do Cardeal Patriarca Manuel Gonçalves Cerejeira<sup>40</sup>, foi transformada em uma espécie de bastião do governo Salazar.

Padre Moreira das Neves e Plínio Salgado, a partir de 1943, estabeleceram forte relação. Em obra lançada em 1984, para comemorar os cinquenta anos de jornalismo do monsenhor, há uma fotografia ao lado do líder integralista com a legenda informando que, ao passar em Lisboa, Plínio Salgado tinha um encontro obrigatório com o Moreira das Neves.<sup>41</sup> Essa relação foi de grande importância para seu desenvolvimento intelectual e público no exílio. A relação entre os dois foi tão intensa que, de

volta ao Brasil, o padre enviou-lhe uma correspondência dizendo que:

Desde que Plínio Salgado nos deixou, não sei, embora presuma, o que os outros sentem: eu sinto que fiquei mais só, mais mendigo de Deus. Há amizades que entram ao sangue e o tomam todo como certos venenos. A sua amizade não foi um veneno, foi vida para mim. Mas de tal forma me absorveu e tantas vezes me alentou que a Deus agradeço como uma graça especial.<sup>42</sup>

Havia uma admiração mútua, o padre era uma referência para Plínio. Após a morte do líder integralista, o monsenhor lusitano escreveu um poema, *Cavaleiro do Verbo*, em homenagem a Plínio Salgado:

Cavaleiro do Verbo  
À memória de Plínio Salgado

Cavaleiro do verbo claro e ardente,  
Sonhou, sofreu, viveu em pleno a vida.  
Aprendeu, de menino, a olhar em frente,  
Como Moisés, a Terra Prometida.

Paladino do Bem, continuamente  
Fez da Palavra uma bandeira erguida.  
Creu sempre que, lançada, uma semente  
Jamais seria inútil e perdida.

Estranho a ódios, ignorando o medo,  
Com Deus no coração, tinha o segredo  
De o confessar em tudo o que fazia.

Soube amar o Brasil e Portugal  
Com amor tão profundo e tão igual,  
Que nunca, no seu peito os distinguiu.<sup>43</sup>

As palavras utilizadas pelo Moreira das Neves, afirmando que Plínio Salgado “soube amar o Brasil e Portugal, com amor tão profundo e tão igual”<sup>44</sup>, passaram a ser uma defesa propagada pelo integralista que, desde a década de 1930, expressava relações de mutualidade política entre os dois países, sendo a exaltação no exílio necessária para o crescimento público. A partir do exílio, passou a se caracterizar como um luso-brasileiro e um defensor assíduo dos valores e das políticas governamentais lusitanas, com o claro objetivo de exaltar a imagem do país, como no caso das guerras coloniais da década de 1960, quando se manifestou um dos grandes defensores da política ultramarina portuguesa.<sup>45</sup>

Em Portugal, alcançou um sucesso até então não conhecido por nenhum outro brasileiro no novo século. A presença de um ambiente religioso com uma sociedade oficializada no cristianismo propiciou-lhe esse segmento, uma vez que enxergava ter nesse contato uma possibilidade de força política. Com o passar dos anos, além de boas relações, alcançou certa notoriedade devido aos eventos realizados, mas não há dúvidas de que o ponto central foram as reflexões iniciadas por ele em *Vida de Jesus*, lançado em 1942, no Brasil, e em 1943, em Portugal.

Com o término do Estado Novo de Getúlio Vargas, não encontrava mais motivos para permanecer distante do Brasil. Seu retorno foi cercado de dificuldades envolvendo sua recepção em território brasileiro. Havia um clima desfavorável ao integralismo, o passado pliniano<sup>46</sup> e a associação direta com o fascismo não eram

esquecidos por grupos políticos e sociais, promovendo dificuldade para o reestabelecimento do autor e sua esposa, além do fato de haver rupturas de antigos líderes com Plínio Salgado, contribuindo para o enfraquecimento do novo projeto.<sup>47</sup> “De volta Plínio Salgado”<sup>48</sup> estampava o jornal *Diário da Noite*, sendo que, desde o início de 1946, notícias eram vinculadas no sentido de expressar o retorno do líder integralista ao Brasil, principalmente no período em que a organização política democrática brasileira estava sendo estabelecida após o Estado Novo. O *Diário de Notícias* divulgou: “Noticia-se que Plínio Salgado, que há muitos anos vivia em Portugal, vai regressar ao Brasil. Fixando residência, possivelmente, em São Paulo”.<sup>49</sup> Com essa notícia, um clima de alvoroço foi estabelecido na capital paulista. Os dias que seguiram foram de manifestações contrárias à presença do líder integralista em São Paulo em grande parte da imprensa.

A população paulista já se mostra totalmente indignada com a próxima vinda do Sr. Plínio Salgado para o Brasil. O chefe integralista é esperado nos próximos dias e, de acordo com o que se afirma, deverá residir em São Paulo. O povo bandeirante está disposto a demonstrar o seu descontentamento, caso seja confirmada a vinda do antigo dirigente da Ação Integralista Brasileira. Fala-se mesmo que os estudantes paulistas já estão tratando da realização de diversos comícios de protesto.<sup>50</sup>

Além do passado, a relação amistosa com Salazar não era vista com bons olhos, uma vez que este, na concepção de muitos, não passava de um fascista lusitano. Sua atuação em Portugal era conhecida por parte da sociedade brasileira, mas não era algo de

expressão pública, assim como essa atuação cristã teológica não era suficiente para o definir como um líder benquista. Após o exílio, era rotulado de “o indesejável”, conforme paralelo estabelecido com Salazar no periódico *Resistência*:

Está encontrando a maior repulsa popular a anunciada vinda, brevemente, para o Brasil, do Sr. Plínio Salgado, que se acha atualmente em Lisboa. Um popular chegou a dizer, comentando o fato, que o chefe integralista não encontrará outro lugar melhor para residir do que em Portugal ao lado do ditador fascista Oliveira Salazar.<sup>51</sup>

A repulsa ao integralista era intensa e todos os seus atos eram motivos de críticas e representações contrárias no Brasil.<sup>52</sup> Nesse panorama, o chefe dos camisas-verdes regressou ao Brasil, com Carmela Salgado, após longo período de exílio.

Voltamos em 46, 16 de agosto de 1946. Oito anos depois de estarmos exilados, voltamos para o país. O Plínio começou, eu acompanhando-o sempre a viajar pelo Brasil, explicando aos nossos amigos o que tinha ocorrido nesse período. Viajamos o Brasil todo. Desde o Amazonas até o Rio Grande do Sul. Foi quando ele organizou o PRP.<sup>53</sup>

A lembrança que trouxe do exílio foi de trabalho, amizades e, principalmente, reflexões cristãs.<sup>54</sup> O sentimento de saudade expresso na *Oração do exilado* pôde ser eliminado:

A minha filha,  
a minha Pátria!  
Fazei-as felizes  
e que eu as reveja

e que eles estejam comigo  
em vós!<sup>55</sup>

Voltou para o Brasil, no entanto, nunca mais foi o mesmo. O retorno foi de um homem marcado pelo sofrimento e pela angústia. O integralista fora uma liderança de um momento auge da década de 1930. Após esse período de euforia nacionalista baseada no fascismo, o chefe não atingiu mais nenhum esplendor, transformando-se em um político comum e, muitas vezes, solitário e esquecido pela sociedade.<sup>56</sup> A proposta era reestruturar as “glórias do passado” com a arregimentação dos militantes em torno do líder, mas percebe-se que não havia muitas saudades dele no Brasil. No entanto, não há dúvidas de que deixou saudades em Portugal, uma vez que o lamento em torno da partida do integralista percorreu meses antes e depois do embarque. O jornal *O Montemorense* publicou artigo de Ciríaco Trindade em que afirma:

Se é com profunda mágoa que recebemos a notícia de que Plínio Salgado, político, escritor e pensador brasileiro que a Portugal se acolheu por virtude de contingências políticas, vai deixar-nos, é com sincero júbilo que constatamos que o faz para regressar à sua Pátria d'além Atlântico, ele que, como nós, considerava esta como a d'aquém Atlântico. Plínio Salgado vai-nos deixar.<sup>57</sup>

A despedida e a tristeza com a partida do apóstolo, do cavaleiro do verbo, do doutrinador dos povos – expressões usadas para caracterizar Plínio – alcançaram todos os grupos sociais e políticos conservadores de Portugal e, sempre com expressões de lamento, foi classificado como um exilado exemplar:

Plínio Salgado foi um exilado corretíssimo, servindo de lição a muitos que esquecem no exílio os deveres que a hospitalidade em tais condições impõe. O fato, pelo triste paralelo para que foi chamado, teve eco na Assembleia Nacional com o unânime aplauso dos presentes [...] realiza uma obra notável de apostolado correndo o país de lés a lés.<sup>58</sup>

Com uma concepção cristã, foi recebido no Brasil, sem muitos estardalhaços, uma vez que havia uma série de receios com a chegada do antigo líder da AIB por parte da imprensa brasileira. O mesmo não foi seguido pela imprensa lusa, que continuou, mesmo a distância, a exaltação por Plínio Salgado. O principal parceiro na imprensa noticiou: “Plínio Salgado foi apoteoticamente recebido à sua chegada ao Rio de Janeiro”.<sup>59</sup> No desembarque, existiam antigos militantes e simpatizantes, inclusive em número expressivo para o integralismo do pós-guerra, principalmente porque o retorno de Plínio ocorreu em segredo, mas nada que gerasse uma apoteose de militantes: “A chegada de Plínio Salgado ao aeroporto desta cidade, apesar de não anunciada e apenas conhecida à última hora por um telegrama de Lisboa, constituiu marcante e significativo acontecimento”.<sup>60</sup>

Havia uma necessidade de engrandecimento do autor, mas com cuidado, pois a adaptação de um exilado após o período de cárcere não ocorre de uma forma instantânea, além do que, proclamava publicamente ser um emissário da palavra de Cristo, e não um líder partidário. Em entrevista declarou: “Não sou atualmente, um chefe de partido.”<sup>61</sup> Sou chefe de uma doutrina político-social”.<sup>62</sup> A ação do líder político foi bem estabelecida,

passou os primeiros momentos por um período de adaptação e transição com um discurso uníssono envolvendo política e religião: “Combater o comunismo mediante as formas agnósticas duma política utilitária e sem Deus, não é somente um erro, mas também uma imoralidade”.<sup>63</sup> Com essa visão doutrinária, Plínio se restabeleceu no Brasil em um país com uma nascente e desconhecida democracia, uma nova nação e, portanto, precisava aprender a viver e se organizar após sete anos de exílio. As práticas discursivas e as matrizes na formação construídas e/ou consolidadas em Portugal foram a base para a nova concepção doutrinária desse novo (ou velho) Plínio Salgado, que era um homem com meio século de vida, fraco e sem a mesma euforia de antes, mas que tinha um projeto luso-brasileiro a ser estabelecido no Brasil, que consistia na criação de uma política “salazarista brasileira”.

## **Fontes**

### **I – Arquivos**

- A) Arquivo Nacional da Torre do Tombo  
Arquivo da Legião Portuguesa.  
Arquivo da PIDE/DGS.
- B) Arquivo Público e Histórico de Rio Claro/SP – Brasil  
Fundo Plínio Salgado.
- C) Biblioteca Nacional de Portugal  
Espólio João Ameal.

## II – Publicações periódicas

### 1) Brasil

*Diretrizes*, Rio de Janeiro, 1943, 1945.  
*Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 1946.  
*Resistência*, Rio de Janeiro, 1946.  
*Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 1946.  
*Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 1946.  
*Correio Brasiliense*, Brasília, 1969.

### 2) Portugal

*A Nação*, Lisboa, 1946.  
*A voz*, Lisboa, 1944.  
*Ação*, Lisboa, 1943.  
*Correio de Coimbra*, Coimbra, 1944.  
*Correio do Minho*, Braga, 1945.  
*Diário da Manhã*, Lisboa, 1944.  
*Diário de Alentejo*, Beja, 1944, 1946.  
*Diário de Lisboa*, Lisboa, 1944.  
*Novidades*, Lisboa, 1944, 1946.  
*O Montemorense*, Montemor-O-Novo, 1946.

## Notas

---

\*Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), com estágio (*Junior Visiting Fellow*) no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (ICS-UL). Pós-Doutorado na Universidad Nacional de Córdoba (Argentina). Professor Adjunto do Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PPGH/PUC-RS). Líder do Grupo de Pesquisa Portugal e Brasil no Mundo Contemporâneo: identidade e memória. Coordenador da Rede Internacional de Investigação Direitas, História e Memória. E-mail: leandro.goncalves@puers.br

<sup>1</sup> Cf.: GONÇALVES, L. P. **Entre Brasil e Portugal**: trajetória e pensamento de Plínio Salgado e a influência do conservadorismo português. Doutorado, PUC-SP, São Paulo, Brasil, 2012.

<sup>2</sup> A oratória foi uma de suas principais habilidades. Afirmou em 1972: “Acredito que já pronunciei no Brasil e Portugal, entre conferências, discursos, orações parlamentares, comícios, em 35 anos de vida pública, mais de 3000 peças

---

oratórias” SALGADO, P. Entrevista com dez grandes oradores: resposta de Plínio Salgado. In: CORRÊA, N. **A palavra**: uma introdução ao estudo da oratória. Rio de Janeiro: Laudes, 1972. p. 138.

<sup>3</sup> CARMO, L. G. do. Prefácio. In: DOREA, A. G. R. **Plínio Salgado, um apóstolo brasileiro em terras de Portugal e Espanha**. São Paulo: GRD, 1999. p. 13.

<sup>4</sup> *ibid.*, p. 14.

<sup>5</sup> DOREA, A. G. R. *op. cit.*, pp. 24-25.

<sup>6</sup> *ibid.*, p. 25.

<sup>7</sup> MONSARAZ, A. de. Vox Dei: a um quinto evangelista. In: CARVALHO, J. B. (Ed.). **Plínio Salgado: in memoriam**. Vol. 2. São Paulo: Voz do Oeste/Casa de Plínio Salgado, 1986. p. 182.

<sup>8</sup> AMEAL, J. Plínio Salgado ou a nova luta por Cristo. In: *ibid.*, p. 131.

<sup>9</sup> MONTEMOR, N. É tempo, minha mãe! **Novidades**, Lisboa, 1946.

<sup>10</sup> AMEAL, J. **Presença de Cristo na obra de Plínio Salgado**. (BNP/EJA/E37/8450).

<sup>11</sup> Plínio Salgado. **Diário de Alentejo**, 1946.

<sup>12</sup> *idem.*

<sup>13</sup> Arquivo de Beja. **Diário de Alentejo**, 1944.

<sup>14</sup> SALGADO, P. Plínio Salgado: o autor da Vida de Jesus entrevistado pela Acção. **Acção**, 1943.

<sup>15</sup> FERREIRA, M. H. 2 horas com Plínio Salgado. **Correio do Minho**, 1945 (APHRC/FPS-107.001).

<sup>16</sup> *idem.*

<sup>17</sup> ABREU, A. de C. e. Um mensageiro da paz: Plínio Salgado. **A voz**, 1944.

<sup>18</sup> *idem.*

<sup>19</sup> Sobre a qualidade de suas oratórias afirmou: “A idade nos torna mais dominadores do assunto que versamos, mais seguros na argumentação, menos nervosos, menos impressionados com o ambiente e o auditório” SALGADO, P. Entrevista com dez grandes oradores: resposta de Plínio Salgado. In: CORRÊA, N. **A palavra**: uma introdução ao estudo da oratória. Rio de Janeiro: Laudes, 1972. p. 139.

<sup>20</sup> MAIA, J. Evocação de Plínio Salgado, orador. In: CARVALHO, J. B. (Ed.) **Plínio Salgado: in memoriam**. vol. 2. São Paulo: Voz do Oeste; Casa de Plínio Salgado, 1986. pp. 94-95.

<sup>21</sup> Plínio Salgado. **Diário da Manhã**, 1944.

<sup>22</sup> ALVIM, R. P. e. Permanência e atualidade de Plínio Salgado. In: CARVALHO, José Baptista (Ed.) *op. cit.*, pp. 19-20.

<sup>23</sup> *ibid.*, p. 20.

<sup>24</sup> *ibid.*, p. 34.

<sup>25</sup> Correspondência de João Correia de Oliveira a Plínio Salgado, 22 jun.1944 (APHRC/FPS-C 44.06.22/2).

---

<sup>26</sup> CHORÃO, J. B. Ao autor da *Vida de Jesus*. In: CARVALHO, J. B. (Ed.) op. cit., p. 91.

<sup>27</sup> AGUIAR, F. de Plínio Salgado, de ontem para hoje. In: *ibid.*, p. 43.

<sup>28</sup> SPINOLA, F. E. de T. Plínio Salgado na tradição do Brasil. In: *ibid.*, p. 57.

<sup>29</sup> RUAS, H. B. Plínio Salgado, historiador visto por um português. In: *ibid.*, p. 71.

<sup>30</sup> Como consequência do controle do Estado e de uma forte censura, a divergência de opiniões entre os jornais era praticamente inexistente. Em alguns momentos, oposições clandestinas existiram no sentido de denunciar a falta de liberdade e as opiniões direcionadas aos interesses da grande elite portuguesa. Em janeiro de 1946, o periódico clandestino antifascista *Lanterna* divulgou um manifesto, apreendido pela Legião Portuguesa, conclamando a sociedade a boicotar o *Diário de Notícias*, considerado um dos principais jornais comerciais do país. “Boicotagem Necessária: Todos nós sabemos que o *Diário de Notícias* é um velho pulha, com antecedentes miseráveis na senda da exploração e envenenamento sistemático do povo. Todos nós sabemos o que é a mentalidade dessa velha proxeneta e a moral desse salteador. Nenhum português, ao compulsar aquela potria ignóbil tem outra opinião. – É ou não esse miserável jornal, ao serviço da moagem e do capitalismo, ou ao serviço da canalha fascista, um grande e refalsado pulha? – É – responde a Nação inteira. Por que estranho fenômeno, então, aquela porcaria entra em todos os lares? E não provoca um movimento inânime de repulsa? A necessidade do anúncio, a falta de um vespertino sério e republicano, a curiosidade do telegrama internacional, constituirão por ventura, o modo justificativo desta convivência pública? Pois não merece esse pulha repugnante a repulsa total de todos os cidadãos? Pois não é esse um dos instrumentos mais poderosos de propaganda e predomínio da clericalha fascista? Por que não desencadeamos nós uma forte ofensiva contra essa velha proxeneta, reservando a nossa moeda para os jornais da tarde, mais do agrado da nossa inteligência e da nossa simpatia?” (Boicotagem necessária. *Lanterna*: órgão antifascista, Lisboa, 1946. Legião Portuguesa. NT 1421. 21-01-1946. Processo 1566/15. B.5) (ANTT/LP).

<sup>31</sup> A palavra de um filólogo: o professor Karl Vossler traça um breve panorama da posição do pensamento peninsular perante a cultura europeia. **Diário de Lisboa**, 1944.

<sup>32</sup> *idem*.

<sup>33</sup> *idem*.

<sup>34</sup> O acordo ortográfico luso-brasileiro foi aprovado por unanimidade e sobre eles proferiram interessantes discursos os deputados Srs. drs. Mario de Albuquerque, José Manuel da Costa, Juvenal de Araújo e Manuel Múrias. **A voz**, Lisboa, 03 mar. 1944.

<sup>35</sup> REBELO, J. P. Olhando para o passado: O aspecto espiritual da Aliança Inglesa. **Novidades**, 1944.

- 
- <sup>36</sup> ROCHA, M. S. Ao sol dum livro. **Correio de Coimbra**, 13 maio 1944.
- <sup>37</sup> Spellman e Pio XII. **Novidades**, Lisboa, 25 mar. 1946.
- <sup>38</sup> Front Literário. Sobre o “oculto motivo”. **Diretrizes**, Rio de Janeiro, 22 abr. 1943.
- <sup>39</sup> GONÇALVES, L. P. **Entre Brasil e Portugal**: trajetória e pensamento de Plínio Salgado e a influência do conservadorismo português. Doutorado, PUC-SP, São Paulo, Brasil, 2012. pp.363-477.
- <sup>40</sup> Cf. Pensamento e obra do Cardeal Cerejeira no centenário do seu nascimento. **LUSITANIA SACRA**: Revista do Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, 2ª série, Tomo II, 1990.
- <sup>41</sup> SILVA, F. da (Coord.) **Padre Moreira das Neves**: 50 anos de jornalismo (1934-1984). Lisboa: Edição da Rádio Renascença, Emissora Católica Portuguesa, 1984.
- <sup>42</sup> Correspondência do Padre Moreira das Neves a Plínio Salgado, 30 ago. 1946 (APHRC/FPS-C 46.08.30/7). [grifo do autor.]
- <sup>43</sup> NEVES, M. das (Pe.). Cavaleiro do Verbo: à memória de Plínio Salgado. In: DOREA, A. Garcia Rocha. **Plínio Salgado, um apóstolo brasileiro em terras de Portugal e Espanha**. São Paulo: GRD, 1999. p. 172.
- <sup>44</sup> idem.
- <sup>45</sup> Cf.: GONÇALVES, L. P. op. cit., pp. 478-564.
- <sup>46</sup> Plínio Salgado tentou apagar o passado de simpatia fascista dentro de um limite possível. Exemplo notório está no livro *O integralismo brasileiro perante a nação*, uma obra lançada em 1946 que marcou o regresso do exílio com a publicação de vários documentos do período da AIB, no entanto com alterações visíveis, excluindo palavras e/ou termos que fizessem menções a um caráter autoritário e antidemocrático, na tentativa de marcar uma continuidade do movimento com a adulteração da organização política da década de 1930 Cf. TRINDADE, H. Integralismo: teoria e práxis política nos anos 30. In: FAUSTO, B. (Org.). **História Geral da Civilização Brasileira**. Tomo III: O Brasil Republicano – Sociedade e Política (1930-1964). São Paulo: Difel, 1981.
- <sup>47</sup> Plínio Salgado recebeu críticas inclusive de antigas lideranças da AIB, como Miguel Reale, que não aceitou a reconstituição política do integralismo, qualificando o movimento de rearticulação integralista como obstáculo a uma solução pacífica dos problemas nacionais, uma vez que o anticomunismo não poderia ser um elemento de unidade entre os militantes, já que uma força negativa não pode ser uma convergência de interesses. Em entrevista afirmou que: “Restabelecida a democracia, eu não concordei em restabelecer-se o integralismo porque me pareceu que não era mais adequado e quando Plínio Salgado fez o Partido de Representação Popular eu não concordei e fundei o meu partido [...] o Partido Popular Sindicalista [...] eu mantive a ideia corporativa, mas em termos de sindicalismo” REALE, M. Entrevista. **Roda Viva**. Apresentação: Paulo Markun. 13 nov. 2000. São Paulo: Videocultura,

---

2000 – 84 min. Posteriormente, o Partido Popular Sindicalista (PPS) fundiu-se com o Partido Republicano Progressista de Adhemar de Barros e o Partido Agrário Nacional, resultando no surgimento do Partido Social Progressista (PSP), do qual foi um dos principais líderes.

<sup>48</sup> De volta Plínio Salgado. **Diário da Noite**, Rio de Janeiro, 08 jun. 1946.

<sup>49</sup> Regressará ao Brasil o Sr. Plínio Salgado. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 04 jan. 1946.

<sup>50</sup> São Paulo não deseja hospedar o chefe integralista. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 09 jan. 1946.

<sup>51</sup> O indesejável: Prepara-se uma recepção condigna ao chefe verde. **Resistência**, Rio de Janeiro, 09 jan. 1946.

<sup>52</sup> Em novembro de 1945, o jornal *Diretrizes* criticou o fato de que os integralistas tinham dinheiro e, mesmo assim, Plínio “tenha utilizado o carro do cardeal Cerejeira em Lisboa, na despedida do embaixador João Neves da Fontoura” Os integralistas agem. **Diretrizes**, Rio de Janeiro, 13 nov. 1945.

<sup>53</sup> SALGADO, C. P. Depoimento. **Soldado de Deus**. Direção: Sérgio Sanz. Argumento e roteiro: Sérgio Sanz e Luiz Alberto Sanz. Produção: Júlia Moraes. Rio de Janeiro: Videofilmes Produções Artísticas, 2004 (87 min.).

<sup>54</sup> SALGADO, P. Recordações de Lisboa. **Correio Brasiliense**, Brasília, 16 abr. 1969.

<sup>55</sup> SALGADO, P. **Oração do exilado** (APHRC/FPS-007.003.003).

<sup>56</sup> Verifica-se que os congêneres portugueses (IL e N/S) tentaram uma manutenção dos ideais após a euforia das décadas de 1920 e 1930, no entanto, sem grandes repercussões, elemento que teve notada contribuição da política salazarista. Assim como Plínio Salgado, o antigo líder dos camisas-azuis, Rolão Preto, manteve ações políticas durante toda a vida, mas, como ressaltado por relatório investigativo da PIDE em 1951: “poucos lhe ficaram fiéis”. Entre as décadas de 1940 a 1970, reuniões, publicações e pequenas ações clandestinas foram idealizadas pelos N/S em uma atitude antissalazarista, sendo que nenhuma teve grandiosas repercussões. As ações de controle permaneceram no período marcellista, através da DGS, pois, em 1973, Rolão Preto presidiu o “Encontro de monárquicos independentes” realizado no Cineteatro da Covilhã, discussão que idealizava propostas da década de 1930 em um novo período político que estava a se iniciar em Portugal (Rolão Preto. Prontuário. NT 6108. Processo 4517) (ANTT/PIDE/DGS). Propostas, ações e linearidades com Plínio Salgado que manteve ações de manutenção do ideário integralista são notadas, a ânsia pelo poder e mudança política continuou sendo o propósito dos líderes da década de 1930, obviamente, sem a mesma forma e vitalidade de antes.

<sup>57</sup> TRINDADE, C. Carta de Lisboa: Plínio Salgado. **O Montemorense**, Montemor-O-Novo, 16 jun. 1946.

---

<sup>58</sup> Carinhosa hospitalidade generosamente retribuída. **Novidades**, Lisboa, 28 ago. 1946.

<sup>59</sup> Plínio Salgado foi apoteoticamente recebido à sua chegada ao Rio de Janeiro. **Novidades**, Lisboa, 19 ago. 1946.

<sup>60</sup> idem.

<sup>61</sup> De acordo com Gilberto Calil: “A II Convenção Nacional do PRP, em outubro de 1946, ao eleger Salgado para a presidência nacional do Partido e ao mesmo tempo reforçar o poder do cargo, estabelecia as condições do controle que seria exercido por Salgado até a extinção do Partido em 1965. Salgado afirmava ter aceitado o cargo, “a contragosto” CALIL, G. G. **O Integralismo no processo político brasileiro** – A trajetória do Partido de Representação Popular (1945-1965) – Cães de guarda da ordem burguesa. Doutorado, UFF, Niterói, Brasil, 2005. p. 346. Calil buscou um documento da II Convenção Nacional publicado no jornal do PRP *Idade Nova* que caracteriza o tom místico que foi estabelecido em torno de Plínio Salgado: “Plínio Salgado é um sábio e um santo! Ele é alvo das contradições porque se fez cópia do Divino Mestre! Os inimigos da Nação, os que pegam em armas a favor da Rússia contra o Brasil, o odeiam porque ele está fundando, entre nós, o partido de Deus!” Plínio Salgado eleito Presidente do PRP: Um documento inédito da II Convenção Nacional. **Idade Nova**, 2 dez. 1946 apud CALIL, G. G. op. cit., p. 346). Observa-se a relação direta e clara estabelecida entre política e religião, tendo a imagem do profeta Plínio, que foi construída em Portugal como base da doutrinação e organização partidária de 1946 até 1965.

<sup>62</sup> Brasil. **A Nação**, Lisboa, 19 out. 1946.

<sup>63</sup> “Combater o comunismo mediante as formas agnósticas duma política utilitária e sem Deus não é somente um erro, mas também uma imoralidade” **Novidades**, Lisboa, 05 set. 1946.